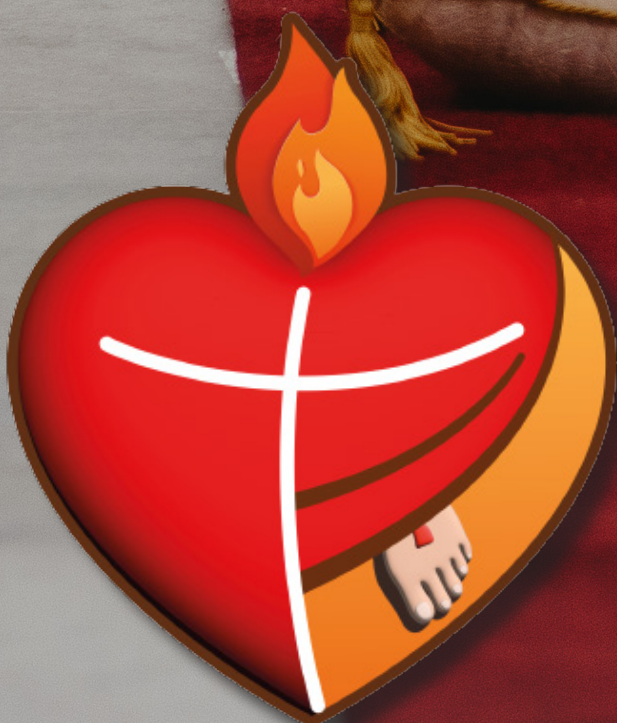


Pastoral

Ano XXXII • Nº 326 • Dezembro de 2022 / Janeiro de 2023



Vocação: graça e missão

A Igreja no Brasil festeja, de 20 de novembro de 2022 a 26 de novembro de 2023, o 3º Ano Vocacional: momento propício para colocar-se a caminho e seguir ao chamado de Deus. Em comunhão com o Ano Vocacional, nesta edição, o Jornal Pastoral fala sobre o Sacramento da Ordem.

Editorial

O tempo passa rápido, cada instante é como se fosse eterno e se faz pleno quando somos capazes de torná-lo significativo em nós e para os outros pelo bem que praticamos. Avalie seu caminho neste ano que está acabando e se proponha novos desafios para o ano novo que está quase chegando.

Aproxima-se o Natal, “buscai o Senhor enquanto ele se deixa encontrar” (Is 55,6). O tempo do Advento é para toda a Igreja momento de forte mergulho na liturgia e na mística cristã. É tempo de espera e esperança, de estarmos atentos e vigilantes.

O menino Deus vem comunicar o amor! Nossos corações se rejubilam, pois é a certeza da presença de Deus no meio de nós. “Nasceu-vos hoje o Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Os profetas anunciaram, Deus cumpre a sua promessa de salvação. Que alegria! Jesus vem nos revelar o rosto misericordioso do Pai e ao mesmo tempo conduz a nossa humanidade até Ele.

Em tempos de crise tão profunda, de perdas de referencial, renova-se em nós a esperança. Eis um tempo novo! Vivenciar o Ano Vocacional permite a todos discernir e aprofundar o chamado de Deus. O testemunho corajoso e fiel da jovem Beata Isabel Cristina é inspirador. Seja na vivência da fé, da profecia ou no serviço da caridade, somos todos chamados a ser santos, anunciando a boa nova do amor de Deus. Precisamos “falar cada vez mais de Jesus Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino do homem”.

Portanto, nesse fecundo tempo, cheios de esperança, sintamo-nos amados e sejamos capazes de amar. Olhemos à nossa volta e sintamo-nos motivados a ser missionários, servidores, sinais do Cristo na vida dos irmãos e irmãs.

Feliz Natal e abençoado Ano Novo!

Expediente

Diretor: Pe. Harley Carlos de Carvalho Lima

Conselho Editorial: Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. Lucas Germano de Azevedo, Edina da Silva, Ester Trindade, Mônica Moraes, José Euzébio de Oliveira, Durval Batista Roque, Pe. Edir Martins Moreira e Pe. Thiago José Gomes

Jornalista responsável: Thalia Gonçalves

Reportagens: Thalia Gonçalves - MTB 0022072/MG

Diagramação: Editora Dom Viçoso | (31) 3557-1233 | www.graficadomvicoso.com.br

Revisão: Ester Trindade, Laena Medeiros, Pe. Paulo Barbosa e Thalia Gonçalves

Colaboradores: Pe. José Antônio de Oliveira, Pe. Leonardo Sérgio Rosa de Carvalho, Pe. Luiz Faustino dos Santos, Mons. Luiz Antônio Reis Costa

Endereço: Rua Direita, nº 102 – Centro, CEP: 35420-060 – Mariana (MG). Telefone: (31) 3557-1237

E-mail: dacom@arqmariana.com.br | **Site:** www.arqmariana.com.br

Fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.

Visão pastoral

Implementando o Projeto Arquidiocesano de Evangelização

Pe. José Geraldo de Oliveira

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

Completa um ano o lançamento do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). Apesar dos desafios, como a dificuldade de retorno às atividades presenciais, podemos notar que as Regiões Pastorais, Foranias, Paróquias e Comunidades têm se empenhado em estudar, conhecer e implementar o Projeto. Embora, em algumas Paróquias seja ainda de maneira muito tímida, podemos dizer que temos avançado na caminhada pastoral e evangelizadora da nossa Arquidiocese.

Como o Projeto é para quatro anos, precisamos continuar avançando na sua implementação. “Somos chamados a fazer do nosso Projeto Arquidiocesano de Evangelização o referencial para a organização e o planejamento de todas as nossas atividades pastorais, evangelizadoras. Assim sendo, nosso PAE deverá ser acolhido por todas as nossas Paróquias com suas comunidades, por todas as Pastorais, Organismos, serviços e todos os tipos de organização eclesial; por todos os fiéis, clérigos, leigos ou religiosos, em todas as suas condições para que nosso empenho evangelizador seja um verdadeiro testemunho de nossa comunhão e participação”. (PAE p. 6)

Estamos chegando ao final do ano. É tem-

po oportuno para avaliar nossa caminhada e planejar nossas ações para o próximo ano. Espera-se que o Projeto Arquidiocesano de Evangelização seja a luz e o referencial para o planejamento das ações pastorais e evangelizadoras de todas as dimensões, pastorais e movimentos de nossa Arquidiocese, Paróquias e comunidades.

O Projeto é bastante amplo e não desce a particularidades. Nem é possível fazer tudo, uma vez que as necessidades são muitas. Daí a necessidade de se priorizarem as nossas ações: o que é necessário, mais urgente, fazer primeiro. Cabe, portanto, a cada grupo e comunidade olhar a sua realidade e iluminá-la à luz do PAE. É o que na metodologia pastoral chamamos de “Ver”. Assim, nossas ações darão uma resposta às necessidades mais urgentes de nossas Paróquias e Comunidades.

Muito do nosso jeito de evangelizar no período anterior à pandemia já não responde mais às necessidades do momento. A pandemia deixou marcas, algumas mais profundas, outras menos, em nossas comunidades. É preciso ter coragem de mudar, criatividade, buscar novos métodos, para podermos dar uma resposta às necessidades de cada pessoa. Isso só será possível com a dedicação e o empenho de cada um, de cada pastoral, dimensão e movimento, no cumprimento de sua missão evangelizadora.

Opinião

Todos vocacionados!

Pe. Luiz Faustino dos Santos

Granada, Abre Campo, MG

Estamos celebrando o 3º Ano Vocacional, que acontece entre 20 de novembro de 2022 e 26 de novembro de 2023, com o tema: “Graça e Missão” e o lema: “Corações ardentes, pés a caminho” (cf. Lc 24,32-33). Toda vocação é uma graça, todos são chamados à missão. O primeiro chamado de Deus é à vida, que é uma graça e um compromisso. O segundo chamado é à fé, que será correspondida se testemunhada pelas obras e anunciada através do diálogo fraterno: na família, no trabalho, no estudo, no lazer. “A vida é missão”. O terceiro chamado é um convite a “avançar para águas mais profundas”: a um testemunho maior através de uma ação pastoral.

Toda ação pastoral deve ser uma ação missionária e toda ação missionária é transformadora. O Concílio Vaticano II nos impulsionou para a missão, sobretudo, com a Constituição Dogmática Luz dos Povos (*Lumen Gentium*). O Documento de Aparecida é essencialmente missionário. E o Papa Francisco chega a dizer que “toda pessoa, pela própria condição de batizada, se torna missionária” (*Evangelii Gaudium*, 120). O chamado (VOCAÇÃO) à missão não é privilégio dos consagrados: di-

áconos, padres, bispos, religiosos e religiosas. Não! Essa é uma vocação específica. Naturalmente essas pessoas têm responsabilidade maior diante da comunidade em que atua. Todavia, não significa que sejam responsáveis por tudo e por todos, de forma isolada.

O lema, “corações ardentes, pés a caminho”, sugere a missão de todos. Se o coração do cristão não arde pela missão é porque não permitiu a Deus fazer a substituição de um coração de pedra por um coração de carne (cf. Ez 36,26). Tanto os leigos e leigas, quanto os membros da hierarquia eclesial ou da vida consagrada, são convidados a escutar o companheiro de caminhada (Jesus); permitir que o coração arda e os olhos se abram para caminhar, mesmo que seja noite, que haja escuridão. O Deus-libertador que conduz o povo através da nuvem iluminada do Êxodo (13,21), o Deus-encarnado que faz o cego enxergar (cf. Jo 9,1-7) é o mesmo Deus, Espírito Santo que conduz sua Igreja através daqueles e daquelas que não O entristecem (cf. Ef 4,30).

Durante três anos Jesus preparou seus discípulos missionários para a missão. A Igreja providencia meios para os discípulos missionários de hoje se preparem para a missão através de reuniões, encontros formativos, assembleias, conferências, fóruns, congressos, seminários, etc.

8º Fórum Social pela Vida: *um chamado à fé e à resistência*

TIAGO FERNANDES

Aconteceu entre os dias 24 e 27 de novembro, em Carandaí (MG), o 8º Fórum Social pela Vida. Refletindo sobre o tema “Lutar por justiça e construir fraternidade” e o lema “A sociedade do bem viver em nossas mãos”, o evento reuniu 260 participantes das mais diversas pastorais e movimentos.

Para saber como foi o Fórum Social, o **Jornal Pastoral** conversa com o Coordenador Arquidiocesano da Dimensão Socio-política, Padre Geraldo Martins.



Thalia Gonçalves

Jornal Pastoral: Na perspectiva da fé, o que significa lutar por justiça e qual é o papel dos cristãos em sua busca?

Pe. Geraldo Martins: A Igreja entende a justiça como uma “virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido”. A justiça, ensina o Catecismo da Igreja Católica, “leva a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum”. O papel dos cristãos, portanto, é trabalhar para que os direitos de todos sejam respeitados e o bem comum seja construído. Como fazer isso? Levando o Evangelho da vida a todos e todas; engajando-se em ações que promovam e defendam os direitos humanos; comprometendo-se com as causas que visam ao resgate da dignidade dos que vivem na exclusão e na invisibilidade; combatendo todo tipo de preconceito e discriminação; assumindo posições políticas que, ver-

dadeiramente, eliminem as desigualdades sociais e combatam a miséria, a exclusão, a corrupção.

Jornal Pastoral: Como o senhor avalia a realização e participação no 8º Fórum Social pela Vida?

Pe. Geraldo Martins: A realização do Fórum foi uma vitória da resistência e da fé dos que apostam na organização e mobilização popular como caminho para superar as desigualdades sociais e econômicas que geram pobreza, miséria e exclusão em nosso país. O Fórum reacendeu o ânimo e a esperança de nossos agentes comprometidos com o Evangelho encarnado que vai ao encontro das necessidades dos que mais sofrem. Sua organização foi exemplar. O conteúdo foi de uma riqueza ímpar. As lideranças viveram intensamente cada momento do Fórum, constituindo-se em sua riqueza maior com uma participação ativa, consciente, madura e comprometida.

Jornal Pastoral: Na sua opi-

nião, os objetivos geral e específico do Fórum foram alcançados?

Pe. Geraldo Martins: Entendo que o “pós-Fórum” é que nos permitirá responder melhor a essa pergunta. Tomando como base apenas a construção e realização do Fórum, podemos dizer que seus objetivos foram plenamente alcançados. Contudo, a implementação dos compromissos nele assumidos é que, verdadeiramente, dirão se conseguimos atingir seus objetivos. Nossa expectativa é de que esses compromissos cheguem a todas as comunidades das paróquias de nossa Arquidiocese e, à luz do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE), formemos um grande mutirão em favor da justiça e da fraternidade, com vistas à sociedade do bem viver, sinal do Reino de Deus entre nós.

Jornal Pastoral: Diante da conclusão do evento e da aprovação da Carta Compromisso, o que fazer para que as proposições apresentadas no documento

sejam, de fato, implementadas na Arquidiocese de Mariana?

Pe. Geraldo Martins: O primeiro passo é divulgar e dialogar, exaustivamente, todo o conteúdo da carta, especialmente, os compromissos nela contidos. Em segundo lugar, compreender que esses compromissos devem ser assumidos por todos e não somente por quem estava no Fórum. Numa Igreja Sinodal, devemos caminhar juntos. O Fórum é uma atividade arquidiocesana e, dessa forma, o que lá foi debatido e decidido diz respeito a toda nossa Arquidiocese. Contaremos, assim, com o entusiasmo e a animação de todos – leigos e leigas, consagrados e consagradas, diáconos, padres, bispo - para que os compromissos sejam assumidos segundo a realidade de cada comunidade e paróquia de nossa Arquidiocese.

Jornal Pastoral: Por fim, qual a mensagem que o senhor gostaria de deixar aos participantes do 8º Fórum Social pela Vida e às equi-

pes que ajudaram a construir esse evento?

Pe. Geraldo Martins: A mensagem é de gratidão, de esperança e de alegria. Gratidão pelo empenho, competência e disposição de todos e todas que se dobraram na organização e realização de nosso Fórum. Foram muitas pessoas, tanto na Arquidiocese, por meio de suas instâncias, quanto na paróquia Sant’Ana, de Carandaí, que nos acolheu. A palavra é também de esperança. O Fórum foi como um sopro do Espírito que reacendeu a chama da esperança que muitos haviam perdido por causa de toda a situação de dor e sofrimento vivida pelo povo nos últimos tempos. As energias foram renovadas.

Tudo isso nos encheu de uma alegria que nos identifica como seguidores e seguidoras do Cristo que venceu a cruz e a morte. Por isso, não desanimamos nem mesmo quando as situações são adversas e se apresentam como invencíveis. Uma alegria que brota do Evangelho da vida, do amor, da paz e da vitória.

Isabel Cristina:

a mais nova Beata da Igreja e a primeira da Arquidiocese de Mariana

A jovem foi proclamada beata em celebração presidida pelo Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis

Thalia Gonçalves e Magu Tavares

De forma solene e festiva, cerca de 10 mil pessoas estiveram no Parque de Exposições de Barbacena (MG) no dia 10 de dezembro para acompanhar a cerimônia de beatificação da jovem Isabel Cristina Mrad Campos, martirizada em 1º de setembro de 1982, na cidade de Juiz de Fora (MG), aos 20 anos.

Presidida pelo Arcebispo Emérito de Aparecida (SP), Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis, a cerimônia foi concelebrada pelo Arcebispo Metropolitano de Mariana, Dom Airton José dos Santos, pelo Arcebispo Emérito de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, pelo Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, e pelo Presidente do Regional Leste 2 da CNBB, Dom José Carlos de Souza Campos.

A celebração contou ainda com a presença de padres, diáconos, seminaristas, religiosos, fiéis, leigos e leigas de todo o Brasil. Ainda, o Postulador da Causa de Beatificação de Isabel Cristina, Dr. Paolo Vilotta, bem como amigos, conhecidos e familiares da nova Beata também prestigiaram a solenidade, como Pedro Paulo Moreira, que viajou 100 km para prestigiar a amiga, com quem estudou em 1982 em Juiz de Fora, e agradecer a graça alcançada com a intercessão de Isabel Cristina. “Falar dela é falar de amor, era tudo que tinha nela, um coração muito grande”, contou.

Pedro ainda compartilhou outra coincidência, além deles terem estudado na mesma sala, era que ambos eram vicentinos e quando se cumprimentavam com a tradicional saudação vicentina, Isabel Cristina era paciente em explicar aos colegas sobre o gesto. Por fim, ele contou que, após ter conhecimento do processo de beatificação, pediu a intercessão de Isabel Cristina para superar o alcoolismo, tendo alcançado a graça. “Após isso, a minha obsessão pelo álcool desapareceu, nunca mais bebi. Ela salvou a minha vida,

a vida dos meus filhos, da minha família. Enfim, hoje, é só paz”, enfatizou.

O rito de beatificação

Tendo o rito iniciado após o ato penitencial, os fiéis ouviram de Paolo Vilotta os dados biográficos da Beata Isabel Cristina, com a qual o Papa Francisco inscreveu entre os beatos, a Venerável Serva de Deus Isabel Cristina Mrad Campos. O documento institui que a Beata Isabel Cristina possa ser celebrada liturgicamente em 1º de setembro, data em que ela sofreu o martírio e nasceu para o céu.

Ao canto do Aleluia, leigos e religiosos presenciaram com júbilo o descerramento da imagem da nova Beata e prestigiaram a entrada, em procissão solene, da relíquia da Mártir feita pelas mãos do irmão da nova Beata, Paulo Roberto Mrad Campos, acompanhado por sua esposa e filhos. Esse momento também foi marcado pela presença de 20 jovens que traziam consigo rosas vermelhas e brancas, representando a idade com a qual a Serva de Deus sofreu o martírio.

Alegria para a Arquidiocese de Mariana e a Igreja

Para o Coordenador Geral da cerimônia, Monsenhor Danival, para a Arquidiocese de Mariana, bem como a Igreja no Brasil e no mundo, é uma graça ter a beatificação de uma Leiga, jovem, que soube viver a sua fé na defesa corajosa dos seus valores. Ainda, na opinião do sacerdote, a Mártir e Beata é uma referência para os jovens. “Isabel Cristina afirmou: ‘é preciso resistir ao mal, custe o que custar’. E custou a vida dela. Por isso, nós agradecemos a Deus o testemunho de fé desta jovem”, enfatizou.

De acordo com Dom Airton, a beatificação de Isabel Cristina abriu uma grande oportunidade para o trabalho de evangelização na Arquidiocese de Mariana. O Arcebispo ainda destacou que a santidade deve ser exercida por todos, leigos e religiosos. “O Papa Francisco insiste que a santidade é para todos nós, todas as pessoas são convidadas a ser santas e Isabel Cristina é o exemplo de que isso é verdade”, disse, recordando ainda os outros processos de beatificação existentes na Arquidiocese de Mariana.

Por sua vez, Dom Geraldo Lyrio Rocha, ponderou que a beatificação de Isabel Cristina é um grito profético da Igreja. “A beatificação de Isabel Cristina vem nos falar da dignidade da mulher, da sacralidade da vida e é um não que a Igreja pronuncia ao feminicídio em nosso país. A voz da Igreja tem que se levantar veementemente contra o feminicídio, contra a exclusão da mulher, contra a discrimi-



LUIZ FELIPE

nação da mulher e a favor da igualdade fundamental de todas as pessoas humanas criadas a imagem de Deus”, declarou.

Recordando que Isabel Cristina é uma leiga proclamada Bem-Aventurada, Virgem e Mártir, o Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis salientou que ela deu “a sua vida em defesa da dignidade da sua pessoa, portanto, da pessoa humana, que é criada à imagem e semelhança de Deus, é templo do Espírito Santo e também do testemunho desse valor evangélico que é a castidade, que é a virgindade. Ela aprendeu a viver esse carisma, que é o amor, porque a família era vicentina. Ela viveu a sua vida como leiga, sobretudo, viveu o amor. Por isso, ela é exemplo para todos os jovens”.

Já o tio da nova Beata, o senhor Miguel Mrad, emocionado com a proclamação dela, disse que Isabel Cristina é exemplo para todos nós. Ele destacou que a jovem sempre foi uma pessoa que buscava a Deus. “Nos intervalos dela na escola, seja no ensino médio ou seja no cursinho em Juiz de Fora, [ela] sempre foi uma pessoa de procurar estar ali junto ao Santíssimo, em busca de Deus”, lembrou.

Os próximos passos

Em coletiva de imprensa, após a Celebração Eucarística de Beatificação, o

Postulador Dr. Paolo Vilotta explicou que para tornar-se beato é dispensada a comprovação de um milagre em caso de martírio, como foi com Isabel Cristina. No entanto, “as normas do Dicasterio para as Causas dos Santos requerem a confirmação de um milagre, para a canonização”, frisou. Por essa razão, para que a Mártir possa ser canonizada e proclamada santa, religiosos e leigos necessitam se unir em oração para que seja reconhecido um milagre com a sua intercessão.

Papa Francisco lembra a Beata Isabel Cristina

No dia seguinte à beatificação da Mártir, o Papa Francisco, após a realização do tradicional Angelus, em saudação aos fiéis presentes na Praça São Pedro, falou sobre a nova Beata: “Ontem, em Barbacena, foi beatificada Isabel Cristina Mrad Campos. Esta jovem mulher foi morta em 1982 aos 20 anos de idade, em ódio à fé, por ter defendido sua dignidade como mulher e o valor da castidade. Que seu exemplo heróico inspire especialmente os jovens a darem testemunho generoso de sua fé e de sua adesão ao Evangelho. Um aplauso à nova Beata!”.

CAIO AMORA



Ordem: o Sacramento do serviço a Deus e aos irmãos

O Sacramento da Ordem é constituído em três graus: diaconato, sacerdócio e episcopado

Thalia Gonçalves

A Igreja no Brasil celebra, entre 20 de novembro de 2022 a 26 de novembro de 2023, um momento de graças e oração: o 3º Ano Vocacional. Recordando o 40º aniversário do primeiro ano dedicado às vocações no país, esta edição, traz como tema “Vocação: graça e missão” e como lema “Corações ardentes, pés a caminho” (cf. Lc 24, 32-33).

Às vésperas da abertura oficial do 3º Ano Vocacional, em 19 de novembro, cinco jovens foram ordenados presbíteros na Arquidiocese de Mariana. Entretanto, o que significa ser ordenado? O que é o Sacramento da Ordem? O **Jornal Pastoral** explica nesta matéria.

O Sacramento da Ordem

Dentre os sete sacramentos da Igreja Católica está o da Ordem que, juntamente com o do Matrimônio, é chamado pelo Catecismo da Igreja Católica (CIC) de “*Sacramentos do Serviço da Comunhão*”. Essa é uma forma de diferenciá-los dos “*Sacramentos da Iniciação Cristã*” que são o Batismo, a Crisma e a Eucaristia.

De acordo com o canonista Monsenhor Roberto Natali Starlino, enquanto os Sacramentos da Iniciação Cristã são fundamentos da vocação comum de toda pessoa que segue Cristo, ou seja, vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo, a Ordem e o Matrimônio conferem uma missão particular na Igreja, visando o serviço a outra pessoa em vista da edificação do Povo de Deus.

Conforme o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 322 ss, o sacramento é assim chamado, pois “Ordem indica um corpo eclesial, do qual se passa a fazer parte, mediante uma especial consagração (Ordenação), a qual, por um particular dom do Espírito Santo, permite exercer um *poder sagrado* em nome e com a autoridade de Cristo para o serviço do povo de Deus”.

Os graus da Ordem

O Sacramento da Ordem é cons-



tituído em três graus, que são insubstituíveis para a estrutura da Igreja: **diaconato, sacerdócio e episcopado**. No entanto, Monsenhor Natali também enfatiza que esses graus não podem ser entendidos como se fossem um “plano de carreira” em que a pessoa vai “subindo” de grau em grau. “Os últimos papas, Bento e Francisco, têm alertado para o perigo do carreirismo”, salienta o presbítero, lembrando que cada um exerce o seu ministério de forma específica.

Os **diáconos** são ordenados para os serviços da Caridade, da Palavra e do Altar e podem ser transitórios - ou seja, período em que os candidatos ao ministérios presbiteral exercem a diaconia -, ou permanente, que, nesse caso, pode ser confiado a homens casados. Segundo Monsenhor Natali, entre as funções exercidas por esses ministros estão a catequese, a pregação, a proclamação do Evangelho, a celebração do Batismo e dos Matrimônios, entre outras atribuições, sob a autoridade pastoral do bispo.

Por sua vez, **os padres** “estão unidos aos bispos na dignidade sacerdotal e, ao mesmo tempo, dependem deles no exercício das suas funções pastorais, pois são chamados a ser os cooperadores providentes dos bispos”, pontua Monsenhor Natali. “Assim, formam, em volta do seu bispo, o presbitério, que assume

com ele a responsabilidade da Igreja particular: os presbíteros recebem do bispo o encargo de uma comunidade paroquial ou de uma função eclesial determinada”, detalha.

“Houve um tempo em que se discutia se o ‘**episcopado**’ fosse propriamente sacramento da ordem. O Concílio Vaticano II resgatou o caráter sacramental do episcopado como plenitude do sacramento da Ordem (Lumen Gentium, n. 21ss). Os que são constituídos na ordem do episcopado (colégio dos bispos) e do presbiterato recebem a missão e a faculdade de agir, sacramentalmente, na pessoa de Cristo Cabeça”, explica Monsenhor Natali.

De acordo com ele, “é específico do presbítero a presidência da Eucaristia e a celebração dos sacramentos chamados terapêuticos. Reserva-se aos bispos a celebração do sacramento da Ordem. Com algumas exceções, também o sacramento da Crisma é celebrado somente pelos bispos”. O canonista ainda recorda que os bispos, em comunhão entre si e com o Papa, formam o Colégio dos Bispos e são os sucessores dos Apóstolos. Dessa forma, eles têm parte na responsabilidade apostólica e na missão de toda a Igreja, sob a autoridade do Papa, sucessor de São Pedro.

Monsenhor Natali também enfatiza que dizer “específico de cada

grau” não significa que os presbíteros e bispos não exercem as funções confiadas aos diáconos. “A celebração do sacramento [da Ordem] não pode acontecer a não ser nesta sequência: diaconato - presbiterato - episcopato, com um tempo entre cada grau para que tal ministério seja vivido. Com isso, tanto o bispo quanto o presbítero são também diáconos, com muito mais razão. Na Comunidade de Cristo, o primeiro é o último e servidor (=diácono) de todos (Mc. 9, 35)”, afirma.

Arquidiocese de Mariana, terra de vocações

A Arquidiocese de Mariana, desde os seus primórdios, se destaca como berço de muitas vocações, especialmente, as sacerdotais. Somente durante o pastoreio de Dom Airton José dos Santos, desde junho de 2018, nesta Igreja Particular, foram ordenados 24 sacerdotes para o Clero Marianense.

Nesse mesmo período, também foram ordenados 15 diáconos permanentes, nos anos de 2020 e 2021, e três bispos: Dom Walter Jorge Pinto, em 2019, Dom Valter Magno de Carvalho, em 2021, e Dom Lauro Sérgio Versiani Barbosa, em 2022.

Fontes: Catecismo da Igreja Católica (CIC) nn. 1533-1589 e 874-896. (cf. o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 322ss)

Giro de Notícias



MAGU TAVARES

Os jovens Johny Sales de Figueiredo Dias, Pedro Hugo Alves Talin, Róbson da Cunha Chagas, Vitor Nogueira de Campos e Wesley Pires dos Santos foram ordenados sacerdotes para o clero Marianense no dia 19 de novembro. A celebração foi presidida pelo Arcebispo Metropolitano de Mariana, Dom Airton José dos Santos, e realizada na Basílica do Sagrado Coração de Jesus em Conselheiro Lafaiete (MG).

CENTRO ARQUIDIOCESANO DE PASTORAL/DIVULGAÇÃO



Entre os dias 6 e 10 de dezembro, a Arquidiocese de Mariana recebeu ícone do 15º Intereclesial das CEBs, a ser realizado em Rondonópolis em julho de 2023. O símbolo veio por meio de uma peregrinação iniciada em Belo Horizonte (MG) e percorreu as cinco regiões pastorais desta Igreja Particular. Já no dia 12 de dezembro, a Região Mariana Leste foi a responsável por entregar o ícone à Diocese de Caratinga (MG).

MARIANA FERREIRA



Após quase sete anos fechada para obras de restauração estrutural, arquitetônica e de elementos artísticos, a Catedral Basílica Metropolitana de Mariana reabre as portas aos fiéis. Para marcar esse momento, aconteceu, no dia 15 de dezembro, o ato civil de entrega, com a presença das instituições parceiras que colaboraram na execução das obras. Já a primeira missa será presidida por Dom Airton, na véspera de Natal, dia 22, às 22h

DIVULGAÇÃO

SEMANA 2023

vocacional

VOCAÇÃO: GRAÇA E MISSÃO

"CORAÇÕES ARDENTES, PÉS A CAMINHO"
(cf. Lc 24,32-33)

JÁ PENSOU EM SER PADRE?

CONTATO:
Rua Cônego Amando, 57, Caixa Postal 11,
Bairro São José, CEP 35.426-060, Mariana - MG.
E-mail: pvocacionalmariana@gmail.com
WhatsApp: (31) 9 8720-1411

03 A 07 DE JANEIRO

Acontece entre os dias 3 e 7 de janeiro do próximo ano, na Comunidade da Filosofia do Seminário São José, em Mariana (MG) a Semana Vocacional 2023. Em sintonia com o 3º Ano Vocacional, o encontro refletirá sobre o tema "Vocação: graça e missão". Os jovens interessados em participar podem realizar as suas inscrições até o dia 27 de dezembro.

Em busca de uma Igreja missionária e ministerial - segunda parte

Pe. José Antônio de Oliveira
Paróquia São João Batista, Matipó, MG

A Igreja das primeiras comunidades era marcadamente ministerial. A razão primeira é porque estava em suas mãos a responsabilidade de dar continuidade à missão de Jesus, que consistia em servir, promover a vida, cuidar do povo, sobretudo os mais carentes, pastorear. A despedida de Jesus se dá numa ceia em que a principal marca foi o "lava-pés". E o recado que deixa é bem claro: "Aprendam de mim que não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida" (Mc 10,45). Por isso, pouco a pouco vão surgindo vários ministérios, de acordo com as necessidades mais urgentes da missão, a partir dos dons de cada um(a), sob a inspiração do Espírito Santo.

Quando falamos da missão da Igreja e da sua ministerialidade, é preciso estarmos atentos a dois equívocos que precisam ser bem esclarecidos. O primeiro é sobre a frase de Jesus: "Pedi ao Senhor da messe que mande operários" (Mt 9,38). Muitos de nós crescemos ouvindo e acreditando que "operários da messe" seriam apenas os ministros ordenados e usávamos esse versículo para justificar a oração pelas vocações sacerdotais e religiosas. Poucos entendiam que trabalhadores(as) da messe eram todas as pessoas que se dedicam a servir, a promover a vida, a lutar pela justiça, a fazer acontecer o Reino. Todas as pessoas que, inspiradas em Jesus Cristo, colocam seus dons, seus bens e seu tempo a serviço da vida.

O outro equívoco é ter uma visão utilitarista dos ministérios. Isso ainda é muito forte. Por exemplo: se o padre está presente, assume a celebração. Se não está, um leigo o substitui. Mas se chega um seminarista, o leigo sai e cede o lugar a ele. Ordena-se um diácono permanente, não porque há alguém com esse dom ou vocação, mas somente quando o padre não dá conta das tarefas. É como se alguns ministérios fossem tratados apenas como uma "operação tapa-buracos".

Assim, desde que haja padres em bom número, não haverá qualquer interesse em valorizar a diaconia, as testemunhas qualificadas para o sacramento do Matrimônio, os ministros para o Batismo, para celebração de Exéquias, para o aconselhamento, para o ministério da escuta, para a ordenação, etc. É importante que tenhamos uma visão ontológica do ministério e não apenas funcional. Entender que o Espírito suscita os carismas e cabe à comunidade eclesial acatá-los e valorizá-los. Não há uma escala de importância e nenhum ministério tem como função substituir outros.

O Documento 62 da CNBB, Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, em seu número 87, apresenta alguns **tipos de ministérios**:

Reconhecidos ou de fato: ministérios que não são permanentes. Não têm forma canônica, mas são reconhecidos como importantes, como os ministérios da Visitação, da Acolhida, do Canto Pastoral, da Consolação, da animação vocacional, da esperança, da construção, da reflexão e formação, etc.

Confiados: são conferidos por um gesto litúrgico ou forma canônica, como o Ministério Extraordinário da Sagrada Comunhão e do Batismo.

Instituídos: estes são conferidos por um rito litúrgico chamado "instituição". Temos os Ministérios de Leitor e de Acólito.

Ordenados: recebidos através do Sacramento da Ordem. É bom ter consciência de que não se constituem na síntese dos ministérios, mas devem se tornar o ministério da síntese. Seu carisma específico é o da presidência da comunidade, da animação e da coordenação.

Suplência: nome dado a alguns ministérios exercidos por leigos(os), embora sejam próprios de ministros ordenados.

É bom evitar falar de ministérios "ad intra" (para dentro da própria Igreja, da sua vida) e ministérios "ad extra" (para fora, da sua missão), porque não podemos distinguir a vida interna da Igreja de sua missão no mundo: ninguém vai sair da Igreja para agir no mundo nem sair do mundo para agir na Igreja. Se somos "sal da terra" e "fermento na massa", todo ministério deve estar ligado à vida concreta das pessoas.

Da mesma forma, não seria exato falar só de hierarquia e leigos. Por um lado, essa expressão distingue muito, porque não deixa perceber a unidade que vem do Batismo, da Crisma e da Eucaristia, que nos liga a todos no mesmo Espírito. Por outro lado, distingue muito pouco, porque destaca apenas estas duas realidades, deixando na sombra a imensa variedade de carismas, serviços e ministérios que o Espírito suscita.

A reflexão atual nos tem convidado a olhar para o Batismo como a grande fonte das vocações e dos ministérios, e não apenas a Ordem (Ano Vocacional 2003). A variedade de serviços e ministérios vai surgindo e se multiplicando de acordo com as demandas de cada tempo, de cada local, levando-se também em conta os novos desafios que o mundo vai nos apontando.



PASCOM CÁTAS ALIAS DA NORUEGA

Laicato e Sinodalidade

THAGO FERNANDES



Mons. Luiz Antônio Reis Costa

Vigário Geral e Pároco da Paróquia Santo Antônio, em Itaverava, MG

Durante séculos, por motivos de ordem histórica, o papel desempenhado pelos leigos e leigas na vida da Igreja foi muito limitado. Estabeleceu-se uma mentalidade que concebia a participação dos leigos na vida da Igreja como restrita à presença devota na liturgia e nos atos de piedade e, eventualmente, nas irmandades e associações piedosas ou outras iniciativas dirigidas pelo clero. O laicato era objeto do cuidado pastoral do clero. Na prática, a missão da Igreja era compreendida como algo próprio do clero e da vida consagrada. O leigo só atuaria em último caso, como uma espécie de suplente de emergência. Não existia clareza da identidade laical e da especificidade da sua missão.

As novas situações criadas pela modernidade exigiram que a Igreja repensasse a sua forma de presença e atuação no mundo. Esperar que toda a ação evangelizadora se desenvolvesse somente a partir do clero e dos membros da vida consagrada tornou-se inviável. O atendimento de tantas demandas e novas necessidades passou a exigir maior colaboração do laicato. Nesse novo ambiente surgiu a Ação Católica na década de 1920.

A Ação Católica configurou-se como uma iniciativa pastoral, organizada a partir da hierarquia da Igreja, e recebendo dela o mandato específico para atuar em ambientes da sociedade que, muitas vezes, se manifestavam indiferentes e até mesmo hostis diante do clero. Era, por exemplo, a situação do ambiente universitário, do operariado e da juventude estudantil.

A Ação católica trouxe um diferencial. Não se tratava mais de congregar os leigos apenas para promover a vida devocional ou atender uma necessidade interna da Igreja. O foco era o compromisso com as questões existentes em cada ambiente social e o emprego dos meios adequados para resolvê-las. Como consequência lógica, vários leigos da Ação Católica se engajaram na vida política, empenhando-se em transformá-la à luz da Doutrina Social da Igreja. Emergiu, então, o momento do leigo conscientemente atuar na Igreja e, a partir dela, no mundo.

Para cumprir tão exigente missão os leigos passaram a requerer uma formação teológica, espiritual e pastoral mais sólida. Já na década de 1930, a liturgia foi a primeira a receber o impacto dessa exigência. Os membros da Ação Católica sentiam a necessidade de compreender mais profundamente o que a Igreja celebrava e se nutrir espiritualmente da liturgia. Igualmente impactada

foi a prática pastoral. Gradualmente, descobriu-se que a atuação dos leigos não se reduzia a “substituir o padre” quando esse “não pudesse estar”, mas que tal atuação possuía uma identidade própria, um valor específico e um lugar determinado na missão da Igreja.

Teólogos e pensadores católicos como Y. Congar, M.D. Chenu, J. Maritain e E. Mounier desenvolveram reflexões sobre a presença do leigo na Igreja e no mundo, de modo especial no engajamento social e político. A identidade batismal – em seu tríplice múnus sacerdotal, profético e régio – foi apresentada como a base de toda atividade cristã no mundo. Nesse processo, o leigo reconheceu-se como sujeito de direitos e deveres na Igreja, criando espaço para emergir uma consciência de maturidade, autonomia e responsabilidade.

O século XX assistiu um intenso processo de mudança e evolução em relação ao laicato. Leigos não mais como objeto da ação pastoral do clero ou meros espectadores da missão da Igreja, mas também como seus sujeitos ativos. Particularmente o Concílio Vaticano II (1962-1965) e seus desdobramentos posteriores consolidaram o processo de resgate da identidade e promoção do laicato. É um processo que ainda está longe de terminar. Existe a necessidade de seu aprofundamento e

aprofundamento e deles depende a efetivação de uma plena sinodalidade na Igreja.

Todavia, em numerosos lugares ainda perdura uma compreensão muito limitada da identidade e missão dos leigos. Até a mentalidade e a prática oriundas da antiga Ação Católica soam a muitos como grande novidade! Tal limitação se ergue como um dos maiores desafios diante de uma Igreja mais sinodal. Urge superá-lo. E isso se torna possível com leigos que se autocompreendem não mais como “objetos” do cuidado do clero ou seus meros substitutos, mas como sujeitos da vida eclesial.

Para Refletir

com seu grupo ou equipe pastoral

1. Em sua comunidade, qual compreensão sobre a identidade e missão do laicato tem predominado? Objetos, simples substitutos ou sujeitos?
2. Que iniciativas empreender para que os leigos descubram e experimentem quem realmente são e o que, de fato, podem na vida e na missão da Igreja na condição de sujeitos?

Museu Arquidiocesano de Arte Sacra: 60 anos de história

Acervo reúne cerca de três mil peças, incluindo obras do Mestre Aleijadinho, Mestre Ataíde e de Francisco Xavier de Brito

Thalia Gonçalves

Uma viagem no tempo por meio da fé e da arte. Uma imersão na beleza e na cultura. Um convite para conhecer a história da Arquidiocese de Mariana e seu bispado. Há 60 anos, nasce o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, um acervo histórico e artístico riquíssimo que reúne cerca de três mil peças.

Localizado na Rua Frei Durão, nº 49, no Centro Histórico de Mariana (MG), o Museu alimenta o interesse pela arte e a religiosidade mineira em cada um dos presentes. Com trabalhos de cantaria, o prédio é uma construção rococó, datada do final do século XVIII e início do XIX, confiada ao Mestre José Pereira Arouca, para ser a sede do Cabido da Sé. Ainda, no vão central do segundo piso, mais uma surpresa que não pode passar despercebida: o medalhão de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Cabido, esculpido em pedrasabão.

Posteriormente, ao longo dos anos, o local foi também sede da Cúria Metropolitana e o Arquivo Eclesiástico de Mariana, até ser criado como o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra. Inaugurado em

22 de setembro de 1962, o acervo surgiu por iniciativa do terceiro Arcebispo Metropolitano de Mariana, Dom Oscar de Oliveira, que estava preocupado com o destino das obras de artes e peças sacras que pertenciam às paróquias da Arquidiocese, e que não eram mais utilizadas pelas comunidades, devido aos roubos e vendas de objetos devocionais.

Reunindo objetos de todos os cantos da Arquidiocese de Mariana advindos de igrejas, capelas, seminários e o palácio episcopal, além de doações, as obras do Museu são classificadas e separadas por sua categorias técnicas: objetos de culto (prataria e ourivesaria), esculturas, pinturas, indumentárias e vestes litúrgicas, mobiliário e objetos de cerimônias religiosas (pias batismais e trono pontifical).

Feitas por diversos artistas e em períodos diferentes, o local também guarda obras de nomes importantes do Barroco Mineiro como Antônio Francisco Lisboa, o Mestre Aleijadinho; Manuel da Costa Ataíde, o Mestre Ataíde; e Francisco Xavier de Brito. Além disso, há uma sala dedicada exclusivamente



FOTOS: THALIA GONÇALVES

à galeria dos bispos passados desta Igreja Particular.

Destacando a importância do Museu de Arte Sacra para a história de Minas Gerais e do Brasil, a Museóloga Fabiana Martins Souza ainda pontua uma característica específica da instituição: o uso dos objetos expostos em algumas festas religiosas. “Seu acervo é riquíssimo, com coleções do início do período de nossa Arquidiocese, obras que fazem parte da devoção dos fiéis e que durante as festividades das Paróquias são utilizadas

pelos Comunidades. Com isso, o Museu além de guardar os bens patrimoniais, permite que suas obras continuem tendo sua função litúrgica dentro da Arquidiocese”, afirma.

Para Fabiana, celebrar os 60 anos de criação do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra é motivo de alegria, especialmente, porque durante todos esses anos, “buscou preservar a memória e a cultura, propondo sempre ser uma instituição dinâmica, participante da vida cultural da comunidade e guardando com afincio

nosso patrimônio e nossa história”, declara.

Encanto para quem vê

Vindos de Itajaí (SC), o casal Maria de Fátima e Carlos Augusto visitaram o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra. Encantado pelas obras vistas, pontuaram que, apesar de já terem visitados diversos lugares e países, inclusive o Museu do Vaticano, essa foi a primeira vez que estiveram em um Museu de Arte Sacra no Brasil.

“Para mim, é muito lindo porque resgata toda a história antiga religiosa. Eu acho muito importante isto: os santos, os quadros, a mobília [se referindo às obras da instituição]. Tudo que é resgatado e cuidado é super bem-vindo. Vale a pena visitar”, salienta Maria de Fátima que complementa: “Isso me leva a mergulhar no meu passado, nos meus avós, nos meus pais que eram católicos. É muito bonito o Museu”.

